


ENSINO SUPERIOR

REVISTA DO SNESUP



A universidade ainda precisa de intelectuais?

O limbo da enfermagem
por Ana Paula Monteiro
pág. 14

Ciência Cidadã
por Paulo Ferreira
da Cunha
pág. 22

As faltas justificadas
por Gonçalo Velho
pág. 26

FICHA TÉCNICA:

Propriedade da Revista
SNESup

Sede Nacional

Av. 5 de Outubro, 104, 4.º
1050-060 LISBOA
Telefone: 217 995 660
Fax : 217 995 661
E-Mail: snesup@snesup.pt
Site: www.snesup.pt

Outras Sedes do SNESup

Pr. Mouzinho Albuquerque, 60 - 1.º
(Rotunda da Boavista)
4100-357 PORTO
Telefone: 22 543 05 42
Fax 225 430 543
E-Mail: snesup.porto@snesup.pt

Estrada da Beira, 503, R/C, A
3030-173 COIMBRA
Telefone: 239 781 920
Fax: 239 781 921
E-Mail: snesup.coimbra@snesup.pt

Jul/Ago/Set

Periodicidade Trimestral

Administração

Av. 5 de Outubro, nº 104, 4.º
1050-060 LISBOA
Telefone: 217 995 660
Fax : 217 995 661
E-Mail: snesup@snesup.pt

Diretor

Paulo Peixoto

Diretoras-adjuntas

Catarina Fernando
Teresa Nascimento

Conselho Editorial

Álvaro Borralho
Catarina Fernando
Gonçalo Velho
João Leitão
Mariana Gaio Alves
Paulo Ferreira da Cunha
Teresa Nascimento

Produção, Edição e Publicidade

Terra das Ideias
Rua Fernando Oliveira, 8
2130-999 Benavente
Telefone: 263 589 307
Fax: 263 589 309
E-Mail: apoioaocliente@terradasideias.com
www.terradasideias.com

Conceção gráfica, paginação, pré-impressão e impressão

Terra das Ideias
www.terradasideias.com

Registado na Entidade Reguladora para
a Comunicação Social com o número:
125898

Tiragem

5.000 Exemplares

Depósito Legal

180504/02

ISSN 2183-2110

Preço: 5 Euros

Assinatura de 5 Números: 25 Euros

Créditos Fotográficos
Istockphoto, Arquivo da Revista



A universidade na teia da tecnocracia

- >4 **Opinião**
Universidades e mentalidade de *bunker*
- >7 **Vida Sindical**
SNESup reúne Grupos parlamentares para debater regime transitório dos estatutos de carreira
- >8 **Organização do Ensino**
 - > O declínio da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar
 - > O limbo da enfermagem em Portugal: entre politécnico e universidade
- >22 **Investigação científica**
A urgência de uma ciência cidadã
- >26 **Carreiras**
As faltas justificadas
- >28 **Temas atuais**
 - > Produção e criação literárias
 - > Participação laboral
- >44 **Secção jurídica**
Reposição de aulas



PAULO PEIXOTO

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Intelectuais com mentalidade de *bunker*.

Passou muito tempo desde que os intelectuais estavam na vanguarda. Na verdade, a própria noção de vanguarda extinguiu-se há muito tempo.

Bruno Latour

O mediático episódio recentemente protagonizado por Tim Hunt – distinguido com um Prémio Nobel no início do século – pode ser retido para exemplificar como é possível chegar ao topo da atividade académica e científica envolto em profundos e infundados preconceitos, no caso vertente de teor sexista. Bruno Latour, a quem peço emprestada a epígrafe que abre o texto, mostrou, com o seu trabalho, que a ciência não é uma atividade fria e mecânica, devendo ser encarada como qualquer outra atividade social e económica, pois desenvolve-se num contexto permeado por complexas relações sociais. Hunt, que é mais um exemplo da realidade evidenciada por Latour, apesar de ter pedido publicamente desculpa, reiterou as suas convicções e assumiu a sua reputação chauvinista. Independentemente da posição que se possa ter em relação a esta polémica, a crença que a ciência e a academia existem à margem dos preconceitos dos seus agentes é sempre pior que os preconceitos em si mesmos. Sudhir Hazareesingh publicou recentemente um ensaio (“Como pensam os franceses: um retrato afetuoso de um povo intelectual”) onde, enfatizando que a França produziu durante muito tempo grande parte dos pensadores de craveira mundial, se pergunta porque desapareceram os grandes pensadores franceses. Dos argumentos que mobiliza para responder a esta questão, destaco duas ideias. Por um lado, a ideia que as elites culturais francesas perderam uma visão eclética do mundo que sempre tinha orientado a sua formação. A tensão inspiradora resultante da mistura entre racionalismo cartesiano, e republicanismo

e marxismo foi devorada pela ascendência dos valores tecnocráticos. Por outro lado, a ideia que, desde os anos 1960, as elites francesas e as lideranças políticas (Hazareesingh dá vários exemplos) passaram a sair cada vez mais das *Grandes Écoles* tecnocráticas, pontificando entre elas a *École Nationale d'Administration*. Se isso deu aos líderes políticos capacidade de trabalho e competências para gerir dossiers difíceis também lhe tolheu a capacidade de pensar criativamente e de se abrir à diversidade. De modo que, quando se olha para as elites, sobressai uma mentalidade corporativa, que Hazareesingh designa por mentalidade de *bunker*. O autor destaca, em particular, o estilo e o *ethos* esmagadoramente masculino de liderança, realçando que os partidos políticos violam conscientemente a lei da paridade e que as mulheres, em França mais do que em qualquer outro país desenvolvido, têm dificuldade em assumir a liderança política. A única mulher que chegou à função de primeiro-ministro, Édith Cresson, não aguentou um ano no cargo. A universidade é recorrente e acriticamente representada pela ideia da *torre de marfim*. O estigma que afeta os académicos devido ao suposto alheamento intencional da vida quotidiana dos comuns mortais é apenas uma parte do problema. Outra parte, que não é menos importante, tem a ver com algumas das consequências dos contextos em que hoje se exercem as profissões académicas e científicas. Por um lado, apesar de tudo, as instituições estão hoje mais abertas a novos grupos, mais expostas ao olhar dos media e mais dependentes

do designado financiamento competitivo acarinhado pela retórica tecnocrática. São várias as dinâmicas que abrem portas de entrada e de saída na torre de marfim. Episódios como o de Tim Hunt só nos surpreendem se esquecermos quanto o desenvolvimento da ciência e da academia se subordinou a lógicas de masculinização e de machismo. O confronto com o diverso, e sobretudo as dinâmicas de redistribuição de poder que esse confronto acarreta, fazem com que muitos lidem mal com a realidade emergente que é capaz de questionar as hegemonias. Por outro lado, as lógicas de hiperespecialização das profissões académicas e científicas, o produtivismo consubstanciado na urgência de publicar, a disseminação das ideias de concorrência e de competitividade, entre muitos outros, reforçaram a atomização dos académicos. Estão cada vez mais isolados num campo aberto e exposto. Essas lógicas tornaram-os muito competentes na sua área de atuação mas fizeram com que deixassem de ter uma visão eclética do mundo e do universo particular em que se movem. Em suma, produziram visões muito enviesadas da realidade. A mentalidade de *bunker* que daí resulta faz com que tudo esteja previamente resolvido por fórmulas que, numa realidade complexa, só os mais hábeis tecnocratas são capazes de dominar. Por isso, a capacidade intelectual para ver a mudança que emerge no contexto rareia na academia. E a capacidade para a provocar, por via do pensamento criativo e da abertura à diversidade, é ainda mais difícil de encontrar ●